



**OUTRAS
PERSPECTIVAS**



ESCRITA CRIATIVA EM DEBATE

CRISTHIANO AGUIAR

VERA L. HARABAGI HANNA

Ao longo das últimas décadas, cursos e oficinas de escrita criativa vêm se consolidando em universidades, escolas e centros culturais brasileiros. Com o objetivo principal de formar escritoras e escritores, a escrita criativa acaba também promovendo o encontro de autores-leitores com diferentes estratégias não só de produção textual, mas também de análise literária. Por conta disso, para a presente edição da seção “Outras Perspectivas”, foram entrevistados duas escritoras e um escritor, todos com posição de destaque no panorama da literatura brasileira contemporânea. Embora Anita Deak, Marcelo Maluf e Paula Fábrio tenham estilos literários diversos, os três convergem no fato de, há alguns anos, trabalharem como escritores-professores em cursos de escrita criativa. Nos depoimentos apresentados a seguir, os três convidados compartilham sua experiência e visão sobre o tema.

* * *

Anita Deak é escritora, editora de livros e professora de escrita criativa. Nasceu em Belo Horizonte. Seu romance de estreia, *Mate-me quando quiser*

(Gutenberg, 2014), foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura e teve os direitos vendidos para o cinema. Lançará, em 2021, o romance *No fundo do oceano: os animais invisíveis*. Fala sobre literatura no *podcast* Litterae, em parceria com o escritor Paulo Salvetti.

CPGL: Qual a importância da escrita criativa na formação de uma escritora ou escritor?

Anita Deak: *Sinceramente, depende da metodologia do curso em questão. Participei de vários cursos de escrita criativa antes de me tornar escritora e editora de livros e percebi que, infelizmente, por ser uma área relacionada à criatividade, há cursos aos borbotões com pouco método. Como se a criatividade devesse ser “livre”, como se ela nada tivesse a ver com planejamento e com aprendizado estruturado e técnico. Exemplificando, participei de cursos em que os textos dos alunos eram lidos na hora e o professor dava dicas generalistas. Fiquei muito frustrada na época.*

*Bem, trabalhar com a formação de escritores é tarefa de muita responsabilidade. É preciso analisar criteriosamente a lógica interna de cada texto antes de dar sugestões, e isso requer não só leitura, mas releitura (fora do tempo da aula). Também é necessário respeitar a proposta estética do autor, de maneira a não impor seu gosto pessoal ao texto dele. Da mesma forma, é igualmente importante mostrar caminhos possíveis em relação ao uso dos recursos literários – não apenas dizer o que está ruim, mas apresentar um leque de ferramentas que podem ajudar a sustentar aquele texto. Não se trata apenas de dizer ao aluno, por exemplo, para limar adjetivos (uma “dica” clichê em muitos cursos), mas de mostrar ao estudante usos diferentes do adjetivo por diferentes autores, de modo a fazê-lo entender em que contextos uma palavra dessa classe gramatical cabe. Penso agora em *A morte de Virgílio*, de Hermann Broch, em que o autor usa advérbios de modo e adjetivos para erigir uma atmosfera épica logo no primeiro capítulo.*

Outra coisa que me incomodou demais foi a abordagem focada apenas na interpretação da temática dos textos. Debatia-se muito sobre o que o texto falava e pouco sobre o “como”. Os aspectos construtivos perdiam-se em meio a debates infinitos sobre a liquidez nos relacionamentos humanos, a solidão, pautas sociais etc. Amor nos tempos do cólera, de García Márquez, por exemplo, é bom não por falar do amor de um homem por uma mulher, mas porque o autor conseguiu – num enredo que por si só não se destacaria – articular

elipses, imagens incomuns, entre tantas outras escolhas para contar aquela história de maneira singular. Escolhas formais, vale frisar.

Quando virei professora de escrita criativa, quis fazer um trabalho focado na utilização dos recursos narrativos para que os alunos aprendessem a identificá-los e entendessem algumas de suas possibilidades de maneira a se tornarem autônomos. Se o aluno entende, por exemplo, que o tempo verbal não tem a ver apenas com o fato de a cena estar no presente, passado ou futuro, ele pode escolher a conjugação também para construir personagens. Ele será capaz de refinar o texto quando identificar vício em verbos de passagem, entre tantas outras possibilidades. Cabe logicamente ao aluno estar aberto a exercitar o texto fora daquilo que já sabe fazer. Eu sempre digo: leia aquilo que você não gosta. Eu, por exemplo, não gosto de Bukowski, mas aprendi com alguns contos dele a trazer uma marca de oralidade para o texto quando quero.

Então, não existe resposta pronta sobre a importância de um curso de escrita criativa na formação de um escritor. Depende do curso e depende do aluno. Ah, tem uma vantagem dos cursos de escrita criativa que independe de ele ser bom: ali, você pode fazer amigos que vão apoiar aquilo que você escreve. Tão importante quanto escrever bem é ter quem leia e quem te apoie.

CPGL: Como a escrita criativa pode contribuir na formação de leitores de literatura?

Anita Deak: *Os cursos de escrita criativa podem ampliar a maneira como o aluno lê, de forma que ele pode se apaixonar ainda mais pelo universo dos livros. Ele pode ajudar esse aluno a entrar em contato com textos de diferentes registros e níveis de dificuldade, textos que – de repente – ele não acessava antes por estar preso a uma fruição da literatura voltada apenas para a questão da identificação primária (ou porque não tinha bagagem mesmo). Um bom curso de escrita criativa tem o potencial de municiar leitores, de fazê-los acessar diferentes nichos dentro do mercado. Pode ser que ele passe a indicar para amigos e familiares livros que antes não indicasse.*

* * *

Marcelo Maluf nasceu em Santa Bárbara D'Oeste, interior do estado de São Paulo, em 1974. É ficcionista e professor. Autor dos infantojuvenis *Jorge do pântano que fica logo ali* (FTD, 2008), *As mil e uma histórias de Manuela*

(Autêntica, 2013) e *Meu pai sabe voar* (FTD, 2009), este em parceria com Daniela Pinotti. Seu primeiro romance, *A imensidão íntima dos carneiros* (Reformatório, 2015), foi finalista do Prêmio Jabuti (2016) e vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura (2016).

CPGL: Qual a importância da escrita criativa na formação de uma escritora ou escritor?

Marcelo Maluf: *Acredito que, em primeiro lugar, seja o contato com outros pares, a troca, a potência do coletivo participando do processo de construção do texto de cada um, a formação de repertório. Em uma oficina de escrita criativa, o escritor/escritora tem esse privilégio, essa possibilidade de ter bons leitores para os textos que acabaram de ser escritos. Mas também é preciso dizer que participar de uma oficina de escrita criativa não é uma condição para a formação do escritor/escritora. Há muitos casos de autores que não frequentaram oficinas e que não deixaram, por isso, de ter uma formação. Em outros tempos, escritores mais experientes estavam sempre acolhendo e aconselhando novos autores. Como o caso do Mário de Andrade, por exemplo, conhecido por ter se correspondido com jovens autores, lendo os seus primeiros textos e comentando. Enfim, de um modo ou de outro, o exercício da escrita criativa, do fazer, do labor, é fundamental, assim como ter bons leitores críticos para dar um feedback.*

CPGL: Como a escrita criativa pode contribuir na formação de leitores de literatura?

Marcelo Maluf: *Creio que de muitas maneiras. A ideia de que a escrita criativa forma melhores leitores de literatura é algo que percebi em mim mesmo quando frequentei oficinas. E que percebo hoje nos meus alunos. Tornei-me um leitor menos ingênuo em relação às estratégias narrativas dos escritores. A percepção e recepção do texto muda, ganha novos olhares, outras perspectivas, se amplia nos detalhes. A leitura se torna mais crítica, mais atenta e ganha novos prazeres.*

* * *

Paula Fábrio nasceu em São Paulo. É doutora em Literatura pela Universidade de São Paulo (USP) e professora do curso de Marketing de Conteúdo da

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Autora de *Desnorteio* (Patuá, 2012), romance vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura, e *Um dia toparei comigo* (Foz, 2015), livro finalista do mesmo prêmio. *No corredor dos cobogós* (Edições SM, 2018) é sua primeira obra juvenil.

CPGL: Qual a importância da escrita criativa na formação de uma escritora ou escritor?

Paula Fábrio: *Essa é uma pergunta que sempre me faço. Por um lado, como escritora, nunca cursei uma oficina de escrita criativa. Conheço dezenas de autores, bons autores, que jamais passaram por um curso desse tipo. Batalharam tudo sozinhos. Por outro lado, esse fenômeno, o das oficinas, começa a dar resultado no Brasil. Vejo algumas boas promessas surgirem no mercado, como a Juliana Leite, que ganhou o Prêmio Sesc. Além dela, há outros nomes e na verdade isso já faz certo tempo. Gosto de repetir algo que ouvi do Carrascoza, que por sua vez creio que aprendeu com o Trevisan (justamente numa oficina), que as oficinas não ensinam ninguém a escrever bem, mas ensinam a não escrever mal. Acho que é um pouco por aí. Porém, tem mais a ver com a disponibilidade do escritor iniciante em ouvir, seja os conselhos dos colegas, seja as dicas dos professores. Ao mesmo tempo, o escritor que opta por um caminho mais longo, sozinho, costuma ser um indivíduo mais propenso à solidão, ao recolhimento, o que é bom para a escrita, como resultado; no entanto, ele também precisa estar atento para ouvir o que os bons e os maus livros estão a nos dizer.*

CPGL: Como a escrita criativa pode contribuir na formação de leitores de literatura?

Paula Fábrio: *Neste caso, a escrita criativa pode contribuir mais. Porque muitos escritores iniciantes têm o forte desejo de escrever e verem seus trabalhos publicados, mas muitas vezes não são leitores; pelo menos não são leitores que cumpram as exigências de leitura de um escritor. Aí entra a convivência, durante os cursos de escrita criativa, com outras pessoas, escritores, gente que trabalha com livro etc., e se as aulas forem realmente boas, a prática da leitura suplantará o desejo desenfreado de ser publicado e permitirá que essas pessoas saiam dali lendo mais e melhor. Como resultado, teremos uma grande possibilidade de ver um verdadeiro escritor nascer desse processo. Claro, estamos falando de pessoas normais, pois um prodígio não precisa de leitura nem de cursos de escrita. Porém, eu não acredito em prodígios.*